

Exercício valorativo em matérias sobre música clássica na imprensa escrita a partir do exemplo do Virtuosi 2009.

Carlos Eduardo Amaral¹

Resumo: *A partir das matérias acerca do festival Virtuosi 2009 publicadas nos três principais jornais impressos do Recife, o presente artigo visa a discutir a quase ausência de críticas sobre o referido evento – apesar da quantidade de notícias e reportagens veiculadas – contextualizando a atividade da crítica de música clássica na imprensa, sua existência como um gênero jornalístico e seus atributos como texto valorativo, além de discutir seu papel dentro dos contextos ditados pelos conceitos de rotina jornalística e relevância jornalística.*

Palavras-Chave: *música clássica; crítica musical; jornalismo impresso.*

Abstract: *Considering the published news about Virtuosi 2009 festival in Recife's three main daily news, the present article aims to discuss the few critics about the event – despite the spread news and reportings – contextualizing the classical music critic activity in the press, its existence as a journalistic genre and its attributes as a evaluative text, and also discussing its rule under contexts determinated by routine journalistic and journalistic relevance concepts.*

Keywords: *classical music; music critic; press journalism.*

Introdução

O Festival Internacional de Música de Pernambuco, criado em 1998 e conhecido pelo seu nome fantasia, Virtuosi, destaca-se, no âmbito da música pernambucana em geral e da música clássica nacional em particular, por ser realizado no mês de dezembro, época em que pouco acontecem festivais de música pelo país (AMARAL, 2008). Através de uma assessoria de imprensa contratada, o evento obtém eficiente divulgação em rádio, TV, sites e jornais desde um mês antes, a qual, naturalmente, se intensifica durante a semana em o Virtuosi ocorre, resultando – nos jornais impressos – em matérias diárias.

1 Mestrando em Comunicação pela Universidade Federal de Pernambuco e colaborador da revista Continente.

Em quase todos os eventos de música clássica em Pernambuco, porém, observa-se uma lacuna considerável na publicação de críticas na imprensa escrita (jornais e sites de notícias), seja pré-evento, quando comumente se tecem considerações sobre o repertório e os intérpretes, seja pós-evento, em que se levam em conta a recepção do público, a interpretação e os fatos ocorridos ao longo da apresentação. Em oposição, os eventos de música popular – talvez por atenderem confortavelmente ao critério de relevância jornalística, já que atraem mais público e envolvem artistas de maior inserção midiática, mas mais possivelmente por não envolver, via de regra, pontuações que exijam do leitor o conhecimento de teoria musical – são objetos usuais de críticas em cadernos culturais na imprensa escrita.

Considerando a relevância do Virtuosi, pela condição de único festival dedicado integralmente à música clássica em Pernambuco – com o adendo de que somente um outro contempla a música clássica em sua programação (a Mimo, Mostra de Música Internacional em Olinda) e que apenas o Virtuosi e a Mimo valem-se de uma assessoria de imprensa, no intuito de otimizar a inserção midiática –, foi escolhida a edição de 2009 do Virtuosi para servir de objeto ao presente artigo.

A crítica de música clássica

O exercício da crítica cultural na imprensa (a qual é chamada às vezes de jornalismo cultural) começou na Inglaterra no séc. XVIII, floresceu no Brasil a partir do final do séc. XIX (cf. PIZA, 2004) e tornou-se mais presente nos jornais e revistas brasileiros no cinema e na literatura, intensificada pela crítica acadêmica, com destaque também para a crítica teatral e de música popular, esta a partir dos anos 50. A música clássica também revelou grandes críticos, como Oscar Guanabarro, Mario de Andrade e Otto Maria Carpeaux.

A crítica musical na imprensa como um todo, no entanto, até hoje não desenvolveu uma bibliografia relevante sobre si mesma no Brasil. No caso da música clássica, observam-se apenas discussões pontuais levantadas pelos próprios críticos, ou então livros de coletâneas. Os parâmetros de julgamento dos críticos, assim, não tem sido sistematicamente colocados em questão ou sequer discutidos, quando na verdade o campo da crítica deveria fazer reverberar também sua própria atividade, seja através da própria imprensa ou em estudos acadêmicos.

Parece sintomático que onde haja produção artística, haja crítica artística, mas, no contexto da música clássica brasileira, somente nos dois grandes centros culturais e econômicos do país, a imprensa se atém com regularidade a eventos de música clássica: levando em conta a atuação na imprensa escrita e na internet, há

oito críticos em atividade em São Paulo e dois no Rio de Janeiro². Esse dado demonstra que em outras cidades – tal qual Curitiba, Porto Alegre, Brasília, Salvador ou Recife – é incerta a publicação de críticas de eventos do gênero.

O caso do Virtuosi 2009 ilustra bem a insuficiência de críticas (se comparadas ante o total de matérias publicadas) sobre um evento de música clássica, principalmente porque se trata de um evento local, que mobiliza um público local. Mas, antes de adentrar em tal comparação, é preciso oferecer aqui um conceito de crítica, razão pela qual recorreremos a conceitos correntes na crítica cultural na imprensa e nas teorias sobre gêneros textuais no jornalismo.

Daniel Piza (op. cit.), ao enumerar os atributos positivos os quais considera essenciais a uma crítica (no âmbito do jornalismo cultural), assevera que tal texto deve possuir “todas as características de um bom texto jornalístico: clareza, coerência, agilidade”, além de “informar ao leitor o que é a obra ou o tema em debate, resumindo sua história, suas linhas gerais, quem é o autor etc.” e “analisar a obra de modo sintético mas sutil, esclarecendo o peso relativo de qualidades e defeitos”. Piza, porém, ressalva que os requisitos citados encontram-se também nas resenhas – as críticas, para se diferenciarem destas, deveriam “ter a capacidade de ir além do objeto analisado, de usá-lo para uma leitura de algum aspecto da realidade”.

Essa enumeração, a princípio, não dá conta dos aspectos formais ou funcionais de uma crítica, isto é, do que caracteriza a crítica como uma espécie própria de texto – do ponto de vista linguístico, comunicativo e social. É possível articular melhor tais conceitos se recorremos à teoria dos gêneros textuais. Nesta teoria, partimos da definição de Luiz Antonio Marcuschi sobre gênero textual para tentar entender a crítica como um gênero:

Usamos a expressão *gênero textual* como uma noção propositalmente vaga para referir os textos materializados que encontramos em nossa vida diária e que apresentam características sócio-comunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica. Se os tipos textuais são apenas meia dúzia, os gêneros são inúmeros. Alguns exemplos de gêneros textuais seriam: *telefonema, sermão, carta comercial, carta pessoal, romance, bilhete, reportagem jornalística, aula expositiva, reunião de condomínio, [...] e assim por diante.* (MARCUSCHI, 2002, p.20) grifos do autor.

Marcuschi observa ainda que os gêneros textuais, além de cumprir funções em situações comunicativas, abrangem “um conjunto aberto e praticamente ilimitado de designações concretas determinadas pelo canal, estilo, conteúdo, composição e função”, o que evita qualquer pretensão de definições fechadas que

2 Contagem feita empiricamente, em razão da atividade profissional deste autor, também crítico de música clássica (e exceção em meio à referida contagem, já que reside e trabalha em Pernambuco).

venha a se propor. O autor também pontua que o conceito de *gênero textual* não deve ser confundido com o de *tipo textual*, posto que este designa:

Uma espécie de construção teórica definida pela natureza linguística de sua composição {aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas}. Em geral, os *tipos textuais* abrangem cerca de meia dúzia de categorias conhecidas como: *narração, argumentação, exposição, descrição, injunção*. (id. *ibid.*) grifos do autor.

Daí que a crítica cultural jornalística, se tomada como sinônimo de jornalismo cultural, se dividiria em tanto gêneros quanto o jornalismo convencional, diferindo-se então pelos seus objetos: produtos e eventos do âmbito da cultura. Mas se considerarmos a crítica cultural em seu sentido mais convencional – uma notícia, reportagem, artigo ou resenha analítica e avaliativa –, ela se apresenta como uma configuração de tipos textuais determinados pelo autor da matéria, através de algum dos quatro gêneros textuais mencionados e, portanto, dentro do *domínio discursivo jornalístico*, conceito este também tomado de Marcuschi conforme ele define:

Usamos a expressão *domínio discursivo* para designar uma esfera ou instância de produção discursiva ou de atividade humana. Esses *domínios* não são textos nem discursos mas propiciam o surgimento de discursos bastante específicos. Do ponto de vista dos domínios falamos em discurso jurídico, discurso jornalístico, discurso religioso etc., já que as atividades jurídica, jornalística ou religiosa não abrangem um gênero em particular, mas dão origem a vários deles. Constituem práticas discursivas dentro das quais podemos identificar um conjunto de gêneros textuais que às vezes lhe são próprios (em certos casos exclusivos) como práticas ou rotinas comunicativas institucionalizadas. (id.: 21) grifos do autor.

A crítica cultural jornalística, no sentido convencional que citamos e utilizaremos neste artigo, constitui-se em uma matéria jornalística que, segundo resume Piza, tem “a capacidade de ir além do objeto analisado, de usá-lo para uma leitura de algum aspecto da realidade” (op. cit.: 70) e cujo caráter autoral-dissertativo é tomado por característica maior e intrínseca, regulando-se o autor do texto pelo atendimento a normas práticas de abordagem, já que “o que se deve exigir de um crítico é que saiba argumentar em defesa de suas escolhas” (id.: 77). Graças ao caráter autoral, torna-se particularmente difícil estabelecer normas mais discerníveis para definir a crítica cultural jornalística dentre os gêneros jornalísticos e mesmo se esta pode ser tomada como um gênero textual à parte dentro do discurso jornalístico.

Consideremos, no momento, as condições específicas e finalidades da esfera da crítica cultural jornalística para que a tomemos como um gênero próprio, e possamos discutir suas especificidades, ao nos determos adiante na questão do

exercício valorativo nas matérias sobre o Virtuosi 2009. Pontua Bakhtin sobre tais condições:

A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana. O enunciado reflete *as condições específicas e as finalidades* de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua -recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais mas também, e sobretudo, por sua construção composicional. Estes três elementos (conteúdo temático, estilo e construção composicional) fundem-se indissolivelmente no todo do enunciado, e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação. (BAKHTIN, 1979, p.277) (grifos nossos)

O Virtuosi 2009 e o exercício valorativo sobre o evento na imprensa

As coletivas de imprensa do Virtuosi, planejadas pela assessoria de imprensa contratada, a Coquetel Molotov, acontecem no mês de novembro – 20 de novembro, no caso da edição de 2009. Porém, ao longo do ano, são publicadas notas esporádicas em colunas, sociais ou de variedades, divulgadas pela própria produção. Para este artigo fizemos um levantamento, através de clipagem de matérias, que abrangeu da data da coletiva de imprensa até os dias seguintes aos do Virtuosi 2009, acontecido de 13 a 20 de dezembro. Detivemo-nos, então, nas matérias publicadas a partir do final de semana em torno do primeiro dia do evento, a fim de identificar eventuais críticas pré e pós-concerto.

A clipagem levantou um total de treze notícias, oito reportagens e duas notas em colunas, sendo nove notícias e as oito reportagens dentro do período estudado. Todas as notícias basearam-se em informações do *release* oficial, ao qual tivemos acesso, e não apresentaram nenhuma consideração de cunho crítico, até mesmo pela brevidade e fatualidade que caracterizam a notícia em relação à reportagem. Assim, por mais diferentes que fossem a extensão, a quantidade de parágrafos ou a elaboração de chapéu, título, subtítulo e lide, sem falar dos jornais que publicaram as notícias, os fatos reportados não destoavam do que o *release* apresentava – em suma, informações sobre repertório, intérpretes, lugar, horário e preço de ingressos.

Já nas reportagens, começamos a observar considerações além das informações ordinárias, por parte do repórter. Em matéria do dia 12 de dezembro de 2009 publicada no caderno Programa (da Folha de Pernambuco) e assinada por Tales Colatino, embora as informações do *release* tenham sido reelaboradas e apropriadas dentro do estilo de redação do jornalista, não agregando interpretações e julgamentos pessoais que permitissem caracterizar o texto como uma crítica, o lide constituiu-se em uma expressiva exceção:

Ao longo dos seus doze anos, o Virtuosi conseguiu um feito único no Estado: se manter fiel à sua proposta de apresentar ao público

recifense o melhor da música de concerto internacional. Mas, em nenhum momento, isso ficou emperrado numa programação de desenho anacrônico. O festival se mantém atento às novas expressões da música clássica, sempre tão pouco divulgadas, e consegue somar o cânone e a contemporaneidade sem soar esquisito.

Outras reportagens não enveredaram por considerações mais pessoais, ainda que elaboradas na mesma linha dessa recém citada (intitulada *Música clássica para todos*), isto é, apropriando-se essencialmente de informações do release oficial. Mesmo quando problematizaram algum tópico, inseriram depoimentos de fontes, enquanto que a crítica tem por definição a exposição do ponto de vista do crítico (e não das fontes) – mormente através da exposição de juízos de valor. Sem esses juízos, explícitos ou não, uma crítica corre o risco de se confundir com uma análise, um ensaio ou mesmo uma resenha, pois do posicionamento do crítico emergem os julgamentos que serão aceitos, contestados ou assimilados pelo leitor. E se esses julgamentos eventualmente não são explícitos, a lógica e a retórica seguidas permitem que o leitor decodifique e apreenda as premissas sobre as quais eles se baseiam.

Variando conforme o objeto focado, a crítica de música clássica, empiricamente, segue duas linhas de reflexão distintas – mas não dissociáveis entre si –: a crítica da obra e a crítica da interpretação. Na primeira, são levados em questão os aspectos estéticos, estilísticos e formais das composições executadas (às vezes, até as questões extramusicais), enquanto na segunda são preponderantes os aspectos técnicos, de recepção do público e dos fatos observados durante as apresentações. É preciso se dizer que as duas linhas são indissociáveis porque a prevalência de uma ou de outra, ou a conciliação entre ambas, depende da ótica do crítico.

De um evento que programe concertos por vários dias espera-se que, caso os jornais impressos julguem-no relevante, sejam publicadas críticas periódicas: de cada concerto ou dos concertos realizados a cada dia. Exemplo que podemos mencionar dentro dessa praxe é do festival de *indie rock* Coquetel Molotov, cuja última edição, em setembro de 2009, rendeu críticas pós-evento nos três tradicionais jornais impressos do Recife em todos os dias de *show*, sem contar as críticas pré-evento, em que os repórteres comentam sobre a fase atual do artista ou grupo e as últimas apresentações realizadas. Já no Virtuosi 2009, constaram apenas três críticas pós-evento para um total de 23 apresentações (e dois ensaios abertos) em oito dias.

Uma delas foi a da repórter Nina Wicks de Almeida, que cobriu o concerto da terça-feira, dia 15 de dezembro, às 21h, no Teatro de Santa Isabel, para quando estava prevista a presença de um dos destaques do Virtuosi, o violoncelista

recifense Antonio Meneses. No entanto, a obra que o solista iria executar, um concerto duplo, teve de ser trocada por outra prevista para dois dias mais tarde por conta de um problema burocrático com o segundo solista. A reportagem (do dia 17 de dezembro, intitulada *A noite de Antonio Meneses*) perpassa não somente o fato principal como também se atém à recepção do público e resgata um fato passado para servir de parâmetro a esse item:

O contratempo teve início com os problemas de embarque que o violinista italiano escalado para acompanhar Menezes [sic] teve por conta de um passaporte vencido. [...] A mudança no programa aparentemente não afetou o público presente, que em baixo número mal preenchia a plateia do Santa Isabel, com frisas e camarotes vazios. É de se estranhar a falta de interesse do público recifense. [...] Deu saudade das primeiras edições do Virtuosi que lotavam o teatro da UFPE.

Confirma-se aí o lugar de fala do repórter: de fato inserido no contexto do concerto, além de narrador e comentarista dos fatos que presencia e das obras que escuta. Enquanto o parágrafo anterior reproduz aspectos do evento, o parágrafo seguinte entra no mérito da obra e da recepção do público. Se a adjetivação utilizada ou as considerações acerca da interpretação e dos fatos casuais do concerto podem ser contestadas, posto que declarações de teor opinativo ou apologético na crítica muitas vezes não requerem apuração fatural, mas retórica coerente, o papel do crítico se evidencia pela qualidade muito própria de suas exposições, sem falsos distanciamentos e sob uma ótica inalienável.

Quando o concerto de Brahms foi substituído pelo de Saint-Saens [sic], a noite ficou com um tom tristonho, ainda mais seguido da lânguida Sinfonia nº 9 "Novo Mundo", de Dvorak. Mesmo assim, Leonardo Altino fez uma bela e sofrida interpretação de Saint-Saens, com direito a volta para a execução da 3ª suíte de Bach. O resto do programa correu sem atropelos, fora o calor que fazia no teatro, que acometeu tanto a plateia quanto os músicos no palco, como frisou o maestro Rafael Garcia, e das muriçocas que atormentavam tanto quanto as do Valdemar de Oliveira.

Em suma, a coexistência entre declarações subjetivas e objetivas é marca própria de todo o jornalismo opinativo, e, por extensão, da crítica. A partir desse fato, ocorre lembrar que as assessorias de imprensa (e os produtores) tentam angariar, justamente, críticas favoráveis acerca de um evento, não somente a mera ocupação de espaço em jornal, pois em circunstâncias normais as críticas geram controvérsias pelo conteúdo valorativo, não por "faltar com a verdade", dado que "Só declarações assertivas ou representativas ([...] descritivas) têm a pretensão de verdade. Ou seja, somente aquelas afirmações sobre o mundo exterior a nós podem ser avaliadas segundo a sua correlação com a realidade" (SPONHOLZ, 2009, p.20).

As outras duas críticas dentre as várias matérias que foram publicadas sobre o Virtuosi 2009 aconteceram por ocasião da estreia da ópera *Dulcineia e Trancoso*,

no dia 18 de dezembro de 2009: *Ópera se sai bem quando utiliza estética armorial*, publicada no Jornal do Commercio em 19 de dezembro e assinada por José Teles, e *Fim de semana erudito para pernambucanos*, de Pollyanna Diniz, publicada no Diário de Pernambuco em 21 de dezembro. Como as matérias, para virem a ser publicadas, dependem de decisões de redação – tais quais a inclusão em pauta, a disponibilidade dos repórteres, em especial daqueles habilitados a escrever críticas, e o espaço disponível em cada caderno – caberia uma investigação mais aprofundada sobre as razões pelas quais eventos de música clássica não são tidos como prioritários.

Considerando o conhecimento direto da rotina jornalística nos veículos impressos, é possível levantar razões plausíveis por que os eventos de música clássica não são objetos de crítica tão constantemente quanto os de música popular, mesmo que fossem de acordo com a proporção em que ambos os tipos de evento são realizados ao longo do ano. Por sua vez, uma investigação específica, junto a diretores de redação, poderia dizer qual o motivo exato para tal descompasso: falta de formação e de afinidade do jornalista para cobrir eventos do gênero, maior relevância jornalística despertada pela música popular, espaço disponível na pauta do dia, uma combinação própria desses três fatores ou talvez outro motivo não cogitado aqui.

Há que se considerar especialmente, com respaldo em João Carlos Correia, o segundo desses pontos³, se lembrarmos das variáveis em torno da “própria representação que os jornalistas fazem do sistema de relevâncias das audiências para as quais escrevem suas notícias” (2005, p.129), ou seja, os pressupostos que os jornalistas criam e projetam sobre o público leitor, dispondo ou não do perfil sociocultural deste e que os levam a eleger e descartar informações no processo de apuração, redação e edição e igualmente a adequar o discurso e o estilo de escrita, de modo a fazer prevalecer a comunicabilidade desejada. Percebe-se que o estudioso português utiliza não um conceito de relevância jornalística, mas de *relevâncias*, que abarcam tanto os aspectos fatuais, de fatos próximos ou distantes, quanto os que determinam as decisões redacionais, e estes então voltam a abrir o leque de possibilidades. Dito de outra forma: o conceito de relevância jornalística agrega outros conceitos de relevância dentro de si os quais influem a rotina jornalística. Como explica Correia:

As relevâncias podem dizer respeito desde a primeira experiência directa até zonas mais longínquas sob o ponto de vista dos interesses pragmáticos dos agentes: ‘a legitimidade da ordem social, por exemplo’. Por outro lado, a definição do que é relevante

3 O primeiro, a falta de afirmação ou afinidade de jornalista, foi trabalhada por este autor no artigo *Problemáticas da crítica operística na imprensa no estudo de caso da estreia da ópera Dulcinea e Trancoso*.

pode alterar-se consoante se esteja nos domínios fluidos da relevância temática (selecção de temas), da relevância interpretativa (problematização dos temas), ou da relevância motivacional (relacionada apenas com os motivos e projectos que orientam a ação empreendida pelos autores). (id. ibid.)

O número de matérias sobre o Virtuosi 2009, vinte e uma (incluindo notícias e reportagens) mais duas notas em colunas, permite dizer que o evento recebeu considerável destaque durante sua realização, através de uma média de cerca de duas matérias e meia por dia dentro de um total de oito dias, comprovando a relevância jornalística do evento. Se tomarmos o conceito de relevância conforme Correia, porém, vê-se que a relevância temática se firmou enquanto a relevância interpretativa minguou, pois o número de críticas, três, foi baixo para o total de matérias.

Uma dessas críticas, por exemplo, (a citada *A noite de Antonio Meneses*, publicada no caderno Viver), validou a prevalência da relevância temática: ela dividiu espaço com outras quinze matérias no mesmo dia, incluindo uma sobre o lançamento de uma nova marca de pianos fabricados no Recife, e saiu na segunda página, preterida somente pela reportagem de capa sobre a estreia do filme Avatar. O concorrido espaço no caderno de cultura do Diário de Pernambuco no dia 17 de dezembro de 2009 incluiu, entre outras, matérias sobre lançamento de CD e de livro, shows de *rock* e *dance music*, anúncio de concurso literário e texto sobre a Academia Brasileira de Letras. Não parece equivocado inferir que matérias guiadas pela relevância interpretativa referendam a relevância temática, mas, pela menor quantidade de críticas costumeiramente publicadas, não o contrário.

Conclusão

A existência de uma lacuna crônica na publicação de críticas sobre eventos de música clássica nos jornais pernambucanos, a despeito de indicações que levem à dedução das causas desse quadro, requer uma análise complementar que enverede pela investigação *in loco* das rotinas jornalísticas, isto é, que averigue as causas dentro do contexto das decisões (e das limitações de pessoal) de redação, tendo em mente que uma das principais características do jornalismo, segundo o professor e pesquisador Alfredo Vizeu, é a tensão “inerente aos ritmos e procedimentos da própria tarefa”. (PEREIRA JUNIOR, 2009, p.60) e em meio a essa tensão, retomando Correia, “um jornalista é convocado exactamente para saber/indicar o que é relevante” (op. cit: 128).

Referências

AMARAL, Carlos Eduardo. **Construção de sentido e práticas de consumo da música clássica nos concertos realizados em Olinda e Recife no ano de 2007**. Monografia de conclusão. Recife: UFPE, 2008. 35p.

_____. Os Estudos Culturais e a mediação na música clássica. In: **Ícone**. Recife: PPGCOM UFPE, 2009. v. 11, n. 1, 12p. out 2009. Disponível em: <http://www.icone-ppgcom.com.br/index.php/icone/article/view/35/37>

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, [1979] 1992.

CARLOS CORREIA, João. A teoria da comunicação de Alfred Schutz. **Horizonte**: Lisboa, 2005. 158p.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: A. P. DIONÍSIO, A. R. MACHADO & M. A. BEZERRA (orgs). **Gêneros textuais & Ensino**, 2002, pp. 19-36.

MARTIN, Clayton; HERBERT, Trevor; MIDDLETON, Richard (Orgs). **The cultural study of music**: a critical introduction. New York: Routledge, 2003.

PEREIRA JUNIOR, Alfredo Eurico Vizeu. **Decidindo o que é notícia**: os bastidores do telejornalismo. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005. 142p.

PIZA, Daniel. **Jornalismo cultural**. São Paulo: Contexto, 2004. 144p.

SPONHOLZ, Liriam. **Jornalismo, conhecimento e objetividade**: para além do espelho e das construções. São Paulo: Insular, 2009. Série Jornalismo a Rigor. vol. 4. 192p.

Matérias jornalísticas consultadas

COLATINO, Tales. Música clássica para todos. **Folha de Pernambuco**, Recife. 12 dez 2009. Reproduzido em <<http://audicoesbrasileiras.blogspot.com/2009/12/musica-classica-para-todos.html>>

ALMEIDA, Nina Wicks de. A noite de Antônio Meneses. **Diário de Pernambuco**, Recife. 17 dez 2009. Reproduzido em <<http://audicoesbrasileiras.blogspot.com/2009/12/noite-de-antonio-meneses.html>>

TELES, José. Ópera se sai bem quando utiliza estética armorial. **Jornal do Commercio**, Recife. 19 dez 2009. Reproduzido em <<http://audicoesbrasileiras.blogspot.com/2009/12/opera-se-sai-bem-quando-utiliza.html>>

DINIZ, Pollyanna. Fim de semana erudito para pernambucanos. **Diário de Pernambuco**, Recife. 21 dez 2009. Reproduzido em <<http://audicoesbrasileiras.blogspot.com/2009/12/fim-de-semana-erudito-para.html>>